

A ilha das estatísticas

Marina Oliveira e
Freddy Charlson
Da equipe do **Correio**

Jefferson Rudy



SUZANA MARIA HIAS, SEPARADA DO MARIDO HÁ 13 ANOS, TEVE DE ASSUMIR O COMANDO DA FAMÍLIA. CONTINUOU NO EMPREGO, ESTUDOU E HOJE É ADVOGADA

O Distrito Federal sempre esteve bem nas estatísticas econômicas e sociais. O retrato da cidade feito a partir das informações do Censo 2000, divulgadas na quarta-feira, veio confirmar a posição da cidade como uma das melhores do país para se viver. O DF possui, por exemplo, a menor taxa de analfabetismo, 5,2%; e possui 96,14% das casas com o lixo coletado. O que explica essa prosperidade aparentemente inabalável de Brasília?

Economistas e especialistas em demografia destacam o fato de o DF ser uma grande área metropolitana, diferente do estado de São Paulo, por exemplo, que inclui nas estatísticas dados do interior e da capital. “É natural na área urbana a concentração dos serviços públicos como escolas e hospitais e de infraestrutura como rede de esgoto, água, asfalto, coleta de lixo”, observa Décio Munhoz, do Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB). Por isso os bons índices do DF.

Ele explica que a ausência de determinados serviços na área rural dos estados e de muitos municípios acaba puxando para baixo a média dos indicadores sociais. O fato justifica, em parte, o abastecimento de água no DF chegar a 88,7% das casas contra uma média nacional de 77,8%. O mesmo ocorre com o atendimento de rede de esgoto que é de 84% na cidade e 62,2% no Brasil.

A presença do governo federal em Brasília também aumenta a pressão para levar a infraestrutura básica aos novos aglomerados urbanos do Distrito Federal. “Sem os serviços básicos as cidades recém-criadas se tornariam locais sem condições de habitação. Uma situação que é menos aceitável na capital da República do que em outros pontos do país. Chama mais a atenção da imprensa e do próprio governo”, observa Munhoz. Isso só aumenta a prioridade de investimentos do governo local e também da União para levar essa infra-es-

trutura à população.

O grande número de funcionários públicos, geralmente mais qualificados, também puxa para cima a média de renda. Na hora de calcular os ganhos médios, os técnicos responsáveis pelo censo dividem o bolo de todos os salários como se cada chefe de família ganhasse o mesmo valor.

MULHERES NO COMANDO

Brasília também chamou a atenção no censo como a cidade com a mais alta proporção de mulheres chefes de

família. Elas sustentam 32,8% das casas. No Rio de Janeiro, segundo colocado nesse ranking, a proporção chega a 31,2%. A média brasileira está em 24,1%.

Segundo Aldo Paviani, demógrafo da UnB, existe uma explicação histórica para esse fenômeno. Na época da construção da capital os homens que vieram para a cidade trabalhavam nas obras. Geralmente, tinham baixa escolaridade. Com a conclusão dos prédios e principais avenidas, muitos migraram para outros lugares em busca de trabalho e deixaram para trás a

mulher e os filhos. “Elas tiveram de se virar para sustentar a casa”, diz Paviani.

Outro fator importante é o elevado índice de separações. Os homens, mesmo permanecendo na cidade, constituem novas famílias que passam a chefiar. Cabe à mulher nesse caso sustentar os filhos. É o caso da aposentada gaúcha Suzana Maria Hias, 50 anos. Síndica do prédio onde mora na 314 Sul, ela se separou do marido há 13 anos. Ficou com os filhos, na época com 15 anos e 2 anos.

No início, foi difícil. Ela so-

freu com o preconceito. “Também tive que me acostumar à nova realidade. E acumular funções de mãe, pai e provedora de tudo: dinheiro, carinho, alimentação, diálogo”, conta. O choro virou determinação. Suzana passou a dar valor à liberdade. Mesmo com todos os problemas, ela foi à luta. Continuou trabalhando como funcionária do governo do Rio Grande do Sul no DF, estudou e tornou-se advogada. Hoje, compõe o grupo das brasilienses que mantêm um de cada três lares da capital brasileira.

PESQUISA CARA

O Censo 2000 custará US\$ 350 milhões. O valor inclui desde o primeiro planejamento em 1997 para a pesquisa até a divulgação das últimas informações, prevista para o final de 2003. O investimento de US\$ 2,10 por brasileiro é alto para o país, mas baixo se comparado aos gastos do governo dos Estados Unidos, por exemplo, que realiza o maior censo do planeta. Lá, foram desembolsados US\$ 14 por habitante.